

Do sintoma ao sinthoma – uma travessia em Guimarães Rosa

*Ana Lucia Teixeira de Carvalho**

RESUMO: Neste artigo, tem-se como objetivo fazer uma leitura do conto “A hora e vez de Augusto Matraga”, de Guimarães Rosa, à luz de uma concepção psicanalítica da travessia subjetiva realizada pelo protagonista, Nhô Augusto, que vai do sintoma ao sinthoma. Esse conto épico, lírico e pleno em humanidade revela as nuances inconscientes que conduzem os discursos sobre o corpo – sua força e fragilidade –, assim como sobre a angústia atravessada pelo personagem principal em relação à falta irremediável que o constitui na experiência de encontro do real e em relação à aventura à qual o protagonista se lança em busca de nomeação, podendo, a partir dessa posição discursiva, revelar-se um Outro Augusto Esteves.

Palavras-chave: SINTOMA; ANGÚSTIA; GOZO; DESEJO; SINTHOMA.

From symptom to sinthome – a crossing through Guimarães Rosa

ABSTRACT: In this article, one aims to analyze the short story “The Hour and Turn of Augusto Matraga” by Guimarães Rosa through the lens of a psychoanalytic conception of the subjective crossing undertaken by the protagonist, Nhô Augusto, from symptom to sinthome. This epic, lyrical, and deeply human story reveals the unconscious nuances that guide discourses about the body – its strength and fragility – as well as the anguish experienced by the main character in relation to the irremediable lack that constitutes him in the experience of encountering the real, and in relation to the adventure he embarks on in search of a name, potentially revealing, from this discursive position, an Other Augusto Esteves.

Keywords: SYMPTOM; ANGUISH; ENJOYMENT; DESIRE; SINTHOMES.

Du symptôme au sinthome – une traversée à travers Guimarães Rosa

RESUMÉ : Dans cet article, l’objectif est d’analyser le conte «L’Heure et le Tour d’Augusto Matraga», de Guimarães Rosa, à travers le prisme d’une conception psychanalytique d’une traversée subjective entreprise par le protagoniste, Nhô Augusto, du symptôme au sinthome. Ce conte épique, lyrique et profondément humain révèle les nuances inconscientes qui sous-tendent les discours sur le corps – sa force et sa fragilité – ainsi que l’angoisse vécue par le personnage principal en relation avec le manque irrémédiable qui le constitue dans l’expérience de la rencontre avec le réel, et en relation avec l’aventure qu’il entreprend en quête d’un nom, révélant potentiellement, de cette position discursive, un Autre Augusto Esteves.

Mots-clés: SYMPTOME; ANGOISE; JOUISSANCE; DESIR; SINTHOMES.

* Psicanalista. Mestre em Psicologia Social e Doutorado em Letras (UFPB). Ex-professora da Faculdade de Medicina Ciências Médicas (AFYA), Psicóloga aposentada do HU- UFPB.

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0003-3521-2436>

E-mail: analuciatcarvalho@gmail.com

A originalidade de um estilo

Mas todos gostaram logo dele, porque era
meio doido e meio santo; e compreender
deixaram para depois.
(Rosa, 1946/1994, p.443).

A obra de João Guimarães Rosa (1908-1967) é detentora de uma fortuna crítica invejável, e é considerada canônica por sua qualidade estética de ruptura da linguagem e por sua tão original criação ficcional. A obra literária rosiana, embora de difícil tradução pelo emprego de neologismos e por sua sintaxe *sui generis*, foi traduzida para vários idiomas: alemão, inglês, italiano e francês. Com efeito, o crítico literário Günter Lorenz enalteceu Guimarães Rosa ao considerá-lo “herdeiro de Joyce, Proust, Thomas Mann e de Faulkner” (Gregório, 2010, p.3).

O livro de contos *Sagarana* foi publicado em 1946, e sua escrita levou sete meses para ser concluída por Guimarães Rosa na presença – conforme o que as próprias palavras do autor apresentadas na “orelha” da capa do livro revelam – de estados de exaltação e deslumbramento (Rosa, 1946/1984).

Neste texto, reporta-se à leitura da edição de *Sagarana* de 1984 e, mais especificamente, ao conto “A hora a vez” de Augusto Matraga. Sobre esse belíssimo, trágico e também lírico conto, Candido (1994, p.66) afirma que o “autor entra em região quase épica de humanidade e cria um dos grandes tipos da nossa literatura, dentro do conto que será, daqui por diante, contado entre os dez ou doze mais perfeitos da língua”.

E, em carta endereçada a João Condé, o próprio autor escreve sobre esse conto, considerando que quanto “*à forma, representa para mim vitória íntima, pois, desde o começo [sic] do livro, o seu estilo era o que eu procurava descobrir*” (Rosa, 1984, p.11, destaque em itálico do original).

Segundo o que Lima (1997, p.13) comenta, Guimarães Rosa, ao publicar “A hora e vez de Augusto Matraga”, alterou o título original do conto, a saber, “A oportunidade de Augusto Matraga”. O autor apresenta na narrativa um personagem protagonista – Augusto Esteves Matraga ou “Nhô Augusto – o homem” (Rosa, 1946/1984, p.341), ou mesmo, um personagem anti-herói e que, ao cair em sua desventura, vai aventurando-se e ancorando-se na/o linguagem/Inconsciente. Afinal, “MATRAGA NÃO É MATRAGA, não é nada” (Rosa, 1946/1984, p.341).

Por outro lado, Matraga é um cognome, para o qual Adélia Meneses sugere o desdobramento significativo, ora como matraca – instrumento de ritos católicos –, ora como pau, porrete, lembrando que Nhô Augusto dizia “P’ra o céu eu vou, nem que seja de porrete” (Meneses, 2007, p.72). Essa autora ainda associa o nome Matraga às maritacas em seu voo sonoro.



Guimarães Rosa

Com efeito, na leitura desse conto, propõe-se dividir a narrativa em tempos, situando a posição discursiva de Nhô Augusto, tentando uma possível analogia com os três tempos lógicos lacanianos, conforme apresentados em sua obra *Escritos*, a saber: instante de ver, tempo para compreender e momento de concluir, supostos na experiência da travessia analítica da fantasia (Lacan, 1998).

Em outras palavras, ousa-se relacionar esses três tempos à travessia da existência do personagem em termos de amor, gozo e desejo, relacionados à tripartição borromeana real, simbólico, imaginário. Ou, ainda, pensar na travessia do personagem Nhô Augusto, que vai do gozo de “não quero saber de nada disso” (Lacan, 1985, p.9) à angústia e ao movimento do desejo na relação do sujeito com o campo do Outro.

O diálogo do conto rosiano com a psicanálise

Para esta leitura do conto de Guimarães Rosa, chama-se a atenção para os “tempos” experimentados pelo protagonista, a saber: o tempo do gozo, o tempo da angústia e o tempo d’aventura.

Tempo do gozo

No conto “A hora e vez de Augusto Matraga”, o personagem Nhô Augusto chega de repente ao leilão que acontece atrás da igreja, provocando “um deslocamento de gentes ... alteado, peito largo, vestido de luto, pisando pé dos outros e com os braços em tenso” (Rosa, 1946/1984, p.342). Supostamente, seu pai, o Coronel Afonso havia morrido, recentemente, e em relação à morte do pai, o narrador faz a seguinte alegação:

[...] tudo piorara, ainda mais. Nem pensar. Mais estúrdio, estouvado e sem regra estava ficando Nhô Augusto. E com dívidas enormes, política do lado que perde, falta de crédito, as terras no desmando, as fazendas escritas por paga, e tudo de fazer ânsia por diante, sem portas, como parede branca. (Rosa, 1946/1984, p.346)

Com relação à mãe de Nhô Augusto, ela morreria quando ele era criança pequena, e quanto a seu pai:

[...] era um leso, não era p’ra chefe de família... Pai era como que Nhô Augusto não tivesse... Um tio era criminoso, de mais de uma morte, que vivia escondido, lá no Saco-da-Embira... Quem criou Nhô Augusto foi a avó... Queria o menino p’ra padre... Rezar, rezar, o tempo todo, santimônia e ladainha [...] (Rosa, 1946/1984, p.347)

Com efeito, o trecho acima citado foi contado pelo tio de dona Dionóra, mulher de Nhô Augusto, ao acolhê-la e a filha Mimita, para o pernoite de viagem em seu sítio. Por sua vez, dona Dionóra temia os ataques do marido, considerando-o “duro, doido e sem detença, como um bicho grande do mato ... Fora assim desde menino, uma meninice à louca e à larga de filho único” (Rosa, 1946/1984, p.346).

Freud (1917/1974), no célebre *Luto e melancolia*, trata a questão da economia libidinal, estendendo-se ainda nesse artigo sobre o tema do narcisismo. Ele declara que no luto se sabe o que perdeu e que a pessoa que se encontra nesse estado metaforiza o objeto perdido; na melancolia, por sua vez, não se sabe o que perdeu e há uma identificação com o objeto perdido (Freud, 1917/1974). Ainda nesse mesmo artigo, Freud (1917/1974, p.285) afirma que “a autotortura melancólica significa uma satisfação das tendências do sadismo e do ódio”.

Nhô Augusto, supostamente, estava em estado de luto pela morte de seu pai, mas carregava em suas experiências vividas um empuxo-ao-gozo, ao excesso, e há algo nele que não cessava de não se inscrever. Assim, muito embora Nhô Augusto tivesse mulher e filha, ele não sustentava uma posição de enlace junto às duas, avesso que era à falta-a-ser e a tudo o que poderia submetê-lo à experiência de castração simbólica. No sertão, a lei era feita pelo senhor dono de terras e de jagunços. Ele tinha suas propriedades, suas orgias, suas amantes, seus desmandos e seus capangas, mas também tinha suas dívidas. A economia psíquica basculava de um excesso de gozo a outro.

O gozo de Nhô Augusto era ser forte e temido, mas negligente, carregando uma falta em sua existência com a morte precoce do Outro materno e a presença de um “pai pancrácio” – afeito à luta corporal (Rosa, 1946/1984, p.346). Nesse sentido, Lacan (1985, p.35) nos adverte que “gozar tem essa propriedade de que o corpo de um goza de uma parte do corpo do Outro”.

Nhô Augusto estava prestes a perder as suas propriedades, e tamanha situação não lhe parecia desonra, pois que disso se defenderia com o corpo forte e viril. Por conseguinte, uma angústia esmagadora lhe tomou ao ver a sua virilidade ameaçada.

Tempo da angústia

Um acontecimento decisivo surge do fato de que dona Dionóra escolhera viajar com a filha, ansiando por liberdade, ao se arriscar no encontro com o novo. Assim, mesmo assustada, aceitou a promessa amorosa de seu Ovídio Moura de que cuidaria dela e de sua filha. Nhô Augusto havia disponibilizado Quim Recadeiro para acompanhá-las, e este, ao ver a escolha de dona Dionóra, “ia dizer a Nhô Augusto que a casa estava caindo” (Rosa, 1946/1984, p.348).

Ao receber tamanha notícia, um impulso de vingança tomara conta de Nhô Augusto, na intenção de ir atrás dos dois. Nesse tempo da narrativa, parece haver um empuxo-à-ruína (falência). E, assim, começa a desventura metonímica do protagonista, de traído a subtraído pelo outro: mulher, capangas, bens e até o seu próprio corpo.

O narrador acrescenta que Quim Recadeiro tinha outra notícia desoladora: de que o Major Consilva tinha contratado os seus capangas, o que deixou Nhô Augusto furioso, levando-o a esbravejar: “– Major de borra! Só de pique, porque era inimigo do meu pai!... Vou lá!” (Rosa, 1946/1984, p.350).

Por sua vez, Quim Recadeiro preveniu o patrão de que o Major Consilva e outros mais queriam pegá-lo à traição: “Estão dizendo que o senhor nunca respeitou filha dos outros nem mulher casada, e mais que é que nem cobra má, que quem vê tem de matar por obrigação...” (Rosa, 1946/1984, p.350).

O narrador reconhece que Nhô Augusto não se dava conta da “chegada do azar, da unhaca ... Nele, mal-e-mal, por debaixo da raiva, uma idéia [*sic*] resolveu por si: que antes de ir à Mombuca, para matar o Ovídio e a Dionóra, precisava de cair com o Major Consilva e os capangas” (Rosa, 1946/1984, p.350).

A verdade em Nhô Augusto parecia ser comandada pelo significante-mestre “força”, que o remeteria ao mau encontro do real. Vale lembrar que Lacan (1998), no *Seminário, livro 7*, associa o gozo à satisfação da pulsão. Em relação ao conceito de pulsão, Lacan (1998, p.256) afirma que “a rememoração, a historização são coextensivas ao funcionamento da pulsão no psiquismo humano. É igualmente lá que se grava, que se entra no registro da experiência, a destruição”.

Contudo, Nhô Augusto, tomado por sua economia pulsional de destruição, foi ao encontro de Major Consilva, que do inesperado lhe proferiu a seguinte sentença: “– Tempo do bem-bom se acabou, cachorro de Esteves!... .. – Arrastem p’ra longe, para fora das minhas terras... Marquem a ferro, depois matem” (Rosa, 1946/1984, p.351), ordem esta dada pelo major aos ex-capangas de Nhô Augusto.

Assim o fizeram. A marca do gado do Major foi ferrada na região glútea de Nhô Augusto, após ser arrastado até vir a ser jogado do barranco “p’ra nem a alma se salvar” (Rosa, 1946/1984, p.352), mas, para surpresa dos capangas, “Nhô Augusto viveu-se com um berro e um salto, medonhos ... alcançara a borda do barranco e pulara no espaço. Era uma altura. O corpo rolou, lá embaixo, nas moitas, se sumindo” (Rosa, 1946/1984, p.353). Deram-lhe por morto.

A partir desses desdobramentos da narrativa, levantam-se algumas perguntas: pode-se supor que a fantasia de Nhô Augusto lhe abriu uma janela para o real? O ato de saltar no lugar de ser jogado fez com que ele ocupasse sua condição de sujeito? Entre os significantes vida e morte, o sujeito se insurgiu? Afinal, ele buscou a borda do barranco.

O ato/salto corta o tempo da narrativa e do personagem. O salto o salvara, pois foi encontrado por um casal – Quitéria e Serapião – que morava nas redondezas do barranco e que o levou para o casebre onde viviam. A mulher disse ao marido que nunca tinha visto um desamparo maior, e que ele delirava muito em sua febre.

Tempo d’aventura

Nesse tempo de sofrimento intenso, Nhô Augusto começou a se interrogar sobre a experiência vivida e sobre a sua própria história. Sua posição no discurso fala de um sujeito que se endereça ao desconhecido à custa de dores física e moral.

Ao longo dos dias e meses, as dores foram melhorando com os cuidados constantes de Quitéria e Serapião. Nhô Augusto viu que podia sarar e que podia pensar. E lembrou da mulher e da filha com uma tristeza profunda:

[...] era como se o corpo não fosse mais seu ... e chorou muito, um choro solto, sem vergonha nenhuma, de menino ao abandono. E, sem saber e sem poder, chamou alto, soluçando: – Mãe... Mãe... ... Tudo perdido! ... ter a sua família, direito, outra vez, nunca. Nem a filha... Para sempre... (Rosa, 1946/1984, p.355)

Nesse sentido, vale a pena lembrar as palavras de Gregório (2010) que alude a esse tempo nietzschiano da narrativa no qual o personagem se encontra em sua fase apolínea, domesticando seus impulsos e refletindo sobre seus atos e sua história, diferentemente do tempo anterior dionisíaco de excesso sem limite.

E é nesse tempo que Nhô Augusto vai fechando as feridas abertas do corpo, no entanto, a desolação continua pulsando em seu pensar: “– Se eu pudesse ao menos ter absolvição dos meus pecados!...” (Rosa, 1946/1984, p.355). Um padre foi trazido por Serapião e Quitéria; ele se confessou e chorou com as palavras ouvidas:

Sua vida foi entortada no verde, mas não fique triste, de modo nenhum, porque a tristeza é aboio de chamar o demônio ... – Reze e trabalhe, fazendo de conta que esta vida é um dia de capina com sol quente, que às vezes custa muito a passar, mas sempre passa. E você ainda pode ter muito pedaço bom de alegria... Cada um tem a sua hora e a sua vez: você há de ter a sua (Rosa, 1946/1984, p.356)

Com efeito, Nhô Augusto passou a recordar as rezas de criança aprendidas com a sua avó. “E tomara um tão grande horror às suas maldades e aos seus malfeitos passados, que nem podia se lembrar; e só mesmo rezando” (Rosa, 1946/1984, p.357). Fez planos de mudança para o sertão distante com o casal – um sítiozinho que era o que lhe restou de seu. A travessia foi longa e difícil, mas chegaram ao povoado do Tombador. Ele trabalhava sem ganância, capinando para si e para os vizinhos. E a palavra do padre repetia sempre que precisava: “–

‘Cada um tem a sua hora e a sua vez: você há de ter a sua’” (Rosa, 1946/1984, p.359). No povoado, ninguém sabia que Serapião e Quitéria “eram agora pai e mãe de Nhô Augusto” (Rosa, 1946/1984, p.359).

Entretanto, a narrativa, como a vida, é plena em bons e maus encontros. Nhô Augusto encontra Tião de Thereza, que lhe dá notícias de dona Dionóra, seu Ovídio, do destino tomado pela filha, da morte de seu camarada Quim Recadeiro e do Major Consilva, que arrematara suas fazendas. Ele diz ao conhecido que não conte que o viu, pois é como tivesse morrido: “Não tem mais nenhum Nhô Augusto Esteves, das Pindaibas, Tião” (Rosa, 1946/1984, p.360).

O encontro com Tião arrefeceu a sua força:

[...] ele não guardou mais poder para espantar a tristeza. E, com a tristeza, uma vontade doente de fazer coisas mal-feitas, uma vontade sem calor no corpo, só pensada ... – Desonrado, desmerecido, marcando a ferro feito rês, mãe Quitéria, e assim tão mole, tão sem homênia, será que eu posso mesmo entrar no céu?!... ... Cada um tem a sua vez, e a minha hora há-de chegar! (Rosa, 1946/1984, p.361)

A angústia para Lacan (2005, p.178) “não é sem objeto” nem se endereça a um perigo, “funciona como sinal é da ordem da irredutibilidade do real ... dentre todos os sinais é aquele que não engana”.

E foi a primeira vez que Nhô Augusto contou para mãe Quitéria e pai Serapião os seus desassossegos advindos das notícias sobre sua mulher, sua filha e Quim Recadeiro. Contou-lhes então:

E eu já fui zápede ... Desarmeí e dei pancada, no Sergipão Congo ... que era mão que desce, mesmo monstro matador!... ... Ou então é castigo, porque eu vou lembrar dessas coisas logo agora, que o meu corpo não está valendo, nem que eu queira, nem p’ra brigar com homem e nem p’ra gostar de mulher... ... Podia ir procurar a coitadinha da minha filha que talvez esteja sofrendo, precisando de mim... ... Sou um desgraçado, mãe Quitéria, mas o meu dia há-de chegar!... A minha vez... (Rosa, 1946/1984, pp.362-363)

Passados alguns dias, Nhô Augusto apresentou um novo discurso, a saber:

– Deus está tirando o saco das minhas costas, mãe Quitéria! Agora eu sei que ele está se lembrando de mim... ... e fez uma descoberta: por que não pitava?!... Não era pecado... Devia ficar alegre, sempre alegre, e esse era um gosto inocente, que ajudava a gente a se alegrar... (Rosa, 1946/1984, p.364)

Um novo encontro esperava Nhô Augusto. Seu Joãozinho Bem-Bem, homem mais afamado dos dois sertões e seu bando de homens, “equipados com um despropósito de armas” (Rosa, 1946/1984, p.365).

Nhô Augusto dirigiu-se a seu Joãozinho Bem-Bem e o convidou para ficar em sua casa, ele e seus homens. E um banquete foi servido, enquanto Nhô Augusto se mostrava curioso e excitado com a aparência de força e coragem dos valentões. E, então, depois de servir a cachaça, ele tomou um pouco, foi pegando a arma oferecida e tentou cortar o galho, acertando no segundo tiro. Logo em seguida, “Nhô Augusto tornou a fazer o pelo-sinal e entrou num desânimo, que o não largou mais” (Rosa, 1946/1984, p.370), observa o narrador.

O fato é que seu Joãozinho Bem-Bem apreciou muito bem Nhô Augusto ao lhe dizer: “Nossos anjos-da-guarda combinaram ... Tiver algum inimigo alegre, por aí, é só dizer o nome e onde mora. Tem não? Pois tá bom. Deus lhe pague suas bondades” (Rosa, 1946/1984, pp.370-371). E voltou a falar com Nhô Augusto lhe assegurando:

– Mano velho, o senhor gosta de brigar, e entende. Está-se vendo que não viveu sempre aqui nesta grot, capinando roça e cortando lenha... Mas, comigo é que o senhor havia de dar sorte! Quer se amadrinhar com meu povo? Quer vir junto?

– Ah, não posso! Não me tenta, que eu não posso, seu Joãozinho Bem-Bem... (Rosa, 1946/1984, p.371)

O encontro com seu Joãozinho Bem-Bem fez efeito significativo em Nhô Augusto, que podia agora questionar a sua penitência, a ideia de castigo de Deus e o aprisionamento que a religião lhe provocava. Portanto, à noite, ele fez um sonho – no sentido de produzir uma formação do inconsciente – e nele “havia um Deus valentão, o mais solerte de todos os valentões, assim parecido com seu Joãozinho Bem-Bem, e que o mandava ir brigar, só para lhe experimentar a força, pois que ficava lá em-cima, sem descuido, garantindo tudo” (Rosa, 1946/1984, p.372).

Porém, outras mudanças se produziam em Nhô Augusto, que se movimentavam da desdita ao dizer. O narrador descreve, sobejamente, que ele “sentia saudades de mulheres. E a força da vida nele latejava ... era um regresso e um ressurgimento ... Nem pensou mais em morte, nem em ir para o céu” (Rosa, 1946/1984, p.373).

Com efeito, segundo o que Leite (2011, p.86) apresenta, a angústia precisa ser considerada como um lugar no qual as malhas de uma rede de desejo se entrecruzam. Assim como o voo das aves numa bela manhã de sol, Nhô Augusto despediu-se da mãe Quitéria e do pai Serapião, dizendo-lhes que, se não voltasse, o que era seu ficaria para os dois. E partiu, apreciando a beleza das paisagens do sertão; cantando e se extasiando com as cores do poente, dizia: “Oh coisa boa a gente andar solto, sem obrigação nenhuma e bem com Deus!... Aonde o jegue quiser me levar, nós vamos, porque estamos indo é com Deus!...” (Rosa, 1946/1984, p.378).

Em sua aventura de retorno às bandas de onde veio, Nhô Augusto teve um novo encontro com seu Joãozinho Bem-Bem, que lhe dirigiu um olhar alegre e paternal, contando que um de seus homens – Juruminho – tinha sido morto à traição, e que a família iria pagar por isso, porque o matador havia fugido. E seu Joãozinho Bem-Bem voltou a convidar Nhô Augusto para vir com ele e seu bando, reconhecendo nele um homem destemido que fora “brigador de ofício” (Rosa, 1946/1984, p.380), anteriormente, e oferecendo-lhe as armas de Juruminho.

Enquanto pegava na arma com familiaridade, os seus dedos tremiam por ser essa a maior das tentações e seus lábios pareciam proferir o creio-em-deus-padre, para agradecer a seu Joãozinho Bem-Bem pelo honroso convite.

Entretanto, Nhô Augusto foi surpreendido com a entrada de um velho suplicante, pai do matador de Juruminho. Ele implorou ajoelhado pela Virgem Santíssima, pelo sangue de Jesus Cristo, que seu Joãozinho Bem-Bem desse ordem para matá-lo, mas nada fizesse contra seus filhos e filhas, que não tinham culpa da morte de Juruminho.

A sentença dada por seu Joãozinho Bem-Bem foi para que o velho escolhesse entre os dois filhos quem iria pagar pelo crime do irmão e que as filhas seriam de interesse de seus homens. E o velho passou a urrar com indignação, ainda sem se levantar: “Pois então, satanás, eu chamo a força de Deus p’ra ajudar a minha fraqueza no ferro da tua força maldita!...” (Rosa, 1946/1984, p.382).

O sintagma *força de Deus* faz efeito de sujeito a Nhô Augusto. E, diante dessa cena que contém pares significantes de sentença e súplica e de satanás e Deus, Nhô Augusto intercedeu a seu Joãozinho Bem-Bem para que revogasse a sentença, e essa proposta soou como caçoadas e atrevimento. E, nesse momento, ele advertiu: “Pois então, meu amigo seu Joãozinho Bem-Bem, é fácil... Mas tem que passar primeiro por riba de eu defunto...” (Rosa, 1946/1984, p.383).

E os homens avançaram para cima de Nhô Augusto, que gritou: “– Epa! Nomopadrosfilhospritosantamêin! Avança, cambada de filhos-da-mãe, que chegou minha vez!...” (Rosa, 1946/1984, p.383).

Não havia mais balas e nem homens, somente Nhô Augusto e seu Joãozinho Bem-Bem duelaram à faca, como uma dança ligeira, na rua, e enquanto um tentava salvar o outro, diziam: “– Se entregue, mano velho, que eu não quero lhe matar... – Joga a faca fora, dá viva a Deus, e corre, seu Joãozinho Bem-Bem...” (Rosa, 1946/1984, p.384).

No entanto, a faca de Nhô Augusto feriu mortalmente seu Joãozinho Bem-Bem que caiu ajoelhado. E ele pediu ao povo para acolher o seu parente ali que iria morrer antes dele. As últimas palavras de Joãozinho Bem-Bem para Nhô Augusto foram de reconhecimento e nomeação ao dizer:

– Estou no quase, mano velho... Morro, mas morro na faca do homem mais maneiro de junta e de mais coragem que eu conheci!... Eu sempre lhe disse que era bom mesmo, mano velho... É só assim que gente como eu tem licença de morrer... Quero acabar sendo amigos... (Rosa, 1946/1984, p.385)

Nesse momento de tamanha beleza ética e estética da narrativa, Nhô Augusto pediu ao povo para chamar um padre. O narrador chama atenção ao que o povo dizia: “– ‘Foi Deus quem mandou esse homem no jumento, por mór de salvar as famílias da gente...’” (Rosa, 1946/1984, p.385). No entanto, alguns queriam desrespeitar o cadáver de seu Joãozinho Bem-Bem e foram impedidos pela fala enérgica de Nhô Augusto.

O velho suplicante agradeceu a Nhô Augusto o chamando de santo – aqui, vale a pena lembrar o conceito de *Sinthoma* como uma alusão ao sintagma *santo homem* que Lacan propõe como um trocadilho de linguagem. Sobretudo, o *sinthoma* é um saber-fazer com o inconsciente real, quando Lacan afirma que “o *sinthoma* volta a se ligar ao inconsciente e o imaginário se liga ao real que lidamos com alguma coisa da qual surge o *sinthoma* ... o quarto nó ele se chama *sinthoma*” (Lacan, 2007, 53-55).

E, então, o narrador convidou o leitor a ver em Nhô Augusto o rosto radiante ao dizer: “– Perguntem quem é aí que algum dia já ouviu falar no nome de Nhô Augusto Esteves, das Pindaibas!” (Rosa, 1946/1984, p.386). E, nessa ocasião final, Nhô Augusto foi reconhecido pelo João Lomba, um meio parente seu; sorrindo e sussurrando, pediu a João: “– Põe a benção na minha filha... seja lá onde for que ela esteja... E, Dionóra... Fala com a Dionóra que está tudo em ordem!” (Rosa, 1946/1984, p.386).

Enfim, Nhô Augusto expirou o último fôlego de vida, terminando assim a sua travessia. A sua morte foi elevada ao estatuto ético, encontrando a nomeação de um Outro Augusto Esteves, podendo “prescindir do Nome do Pai com a condição de se servir dele” (Lacan, 2007, p.132).

Para finalizar, traz-se uma passagem da entrevista que Guimaraes Rosa concedeu a Ascendino Leite em 1946 sobre o livro *Sagarana*, na qual revela que “se interessa na ficção, primeiro que tudo, é o problema do destino, sorte e azar, vida e morte. O homem a ‘N’ dimensões, ou então, representado a uma só dimensão: uma linha, evoluindo num gráfico” (Lima, 1997, p.55).

Isto posto, cabe demonstrar a letra da canção “Réquiem para Matraga”, de 1966, do compositor paraibano Geraldo Vandré, que fez parte da trilha sonora do filme de 2011 com o título homônimo:

Vim aqui só pra dizer
Ninguém há de me calar
Se alguém tem que morrer

Que seja pra melhorar
 Tanta vida pra viver
 Tanta vida a se acabar
 Com tanto pra se fazer
 Com tanto pra se salvar
 Você que não me entendeu
 Não perde por esperar.

A síntese de uma travessia

Esse belo e épico conto rosiano sugere muitas articulações e aplicações de conceitos psicanalíticos, no entanto, neste artigo, restringiu-se à questão do *sinthoma* como aquela que se relaciona à travessia do gozo do corpo forte e viril à falta-a-ser que o protagonista experimenta em sua aventura. É na experiência com o outro que ele vai adentrando nas suas questões inconscientes.

Nessas experiências atravessadas, destacam-se: o casal que o acolhe em seu desamparo, com o qual Nhô Augusto estabelece possibilidades simbólicas que amortecem o advento do inconsciente real e do real do corpo; o personagem do padre que vem a ser aquele que causa o seu desejo em termos de “sua hora e vez” e de rezar como rezava com a avó na infância, uma possibilidade de renascimento simbólico; e seu Joaozinho Bem-Bem, que desperta nele o saber-fazer com a vida e com a morte. Todos esses momentos de encontro parecem fazer efeito de Nomes-do-Pai para Nhô Augusto ao afirmar orgulhosamente que seu nome era Nhô Augusto Esteves, das Pindaíbas.

Esse anti-herói, portanto, vai do sintoma – desmedido, destemido, valente e desonrado – ao *sinthoma*, ao ser considerado como herói, santo homem, efeito de suas experiências de subjetivação e dessubjetivação, sendo possível, a partir delas, ir decantando o seu desejo inconsciente.

O tempo d’aventura é o tempo de seu desejo e o tempo de ser reconhecido como um homem que veio num jumento para salvar uma família – um Outro Augusto –, que soube fazer com o real do combate, da justa causa e da vida/morte. Enfim, o conto “A hora e vez de Augusto Matraga” é considerado pelo autor, em carta a João Condé, “*História mais séria, de certo modo síntese e chave de tôdas [sic] as outras*” (Rosa, 1946/1984, p.11, destaque em itálico do original).

Referências:

- Candido, A. (1994). *Fortuna Crítica – Sagarana*. In J. G. Rosa, *Ficção Completa* (Vol. 1, pp.63-64), Rio de Janeiro, RJ: Nova Aguilar.
- Coimbra, V. (Diretor). (2011). *A hora e a vez de Augusto Matraga* [Filme baseado no conto homônimo de *Sagarana*, de João Guimarães Rosa; roteiro de M. Dias & V. Coimbra; produção de A. Civita, B. Gauss, & V. Coimbra; elenco: J. Miguel, V. Gerbelli, I. Santos, C. Anysio, W. Schünemann, & J. Wilker]. Nossa Distribuidora.
- Freud, S. (1974). Luto e melancolia. In S. Freud, *Obras Completas* (Vol. 14, pp.275-291). Rio de Janeiro, RJ: Imago Editora. (Obra original publicada em 1917)
- Gregório, P.H. S. (2010). O trágico em A hora e a vez de Augusto Matraga: uma leitura nietzschiana. *Pandaemonium Germanicum*, 16, 184-203. https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1982-88372010000200009
- Lacan, J. (1985). *O Seminário, livro 20: mais, ainda*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar Editor.
- Lacan, J. (1998). *Escritos*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar Editor.

- Lacan, J. (1998). *O Seminário, livro 7: a ética da psicanálise*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar Editor.
- Lacan, J. (2005). *O Seminário, livro 10: a angústia*. Rio de Janeiro, RJ: Zahar.
- Lacan, J. (2007). *O Seminário, livro 23: o sinthoma*. Rio de Janeiro: Zahar Editor.
- Leite, S. C. (2011). *Angústia*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Lima, S. V. D. (Org.). (1997). *Ascendino Leite entrevista Guimarães Rosa*. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB.
- Meneses, A. B. (2007). A hora e a vez de Augusto Matraga ou “De como alguém se torna o que é”. *Literatura e Sociedade*, 12(10), 64-80. <https://revistas.usp.br/l/article/view/23611>
- Rosa, J. G. (1984). A hora e vez de Augusto Matraga. In J. G. Rosa, *Sagarana* (31a. ed., pp.341-386). Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira. (Obra original publicada em 1946)
- Rosa, J. G. (1984). Carta de Guimarães Rosa a João Condé, revelando segredos de Sagarana. In J. G. Rosa, *Sagarana* (31. ed., pp.7-11). Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira.
- Rosa, J. G. (1994). A hora e vez de Augusto Matraga. In J. G. Rosa, *Ficção Completa* (Vol. 1, pp.431-462). Rio de Janeiro, RJ: Nova Aguilar. (Obra original publicada em 1946)
- Vandré, G. (1966). Réquiem para Matraga [Canção]. In *5 Anos de Canção* [Álbum]. Som Maior/RCA.

Citação/Citation: Carvalho, A. L. T. de (2026). *Do sintoma ao sinthoma – uma travessia em Guimarães Rosa*. *Trivium: Estudos Interdisciplinares* (Ano XVIII, no.1), pp.114-123.

Recebido em: 28/04/2026
Aprovado em: 17/05/2026